

O INDEPENDENTE.

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO, RELIGIOSO.

SEM ESTAMPILHA.

Publica-se todas as Segundas e Quintas feiras não sanctificadas.

COM ESTAMPILHA.

PREÇO. { Por anno . . . 1\$920
Semestre . . . 1\$000
Trimestre . . . 550

FOLHA AVULSA. 30 RÉIS.

As correspondencias de interesse particular deverão ser reconhecidas; e não se receberão senão francas de porte.

PREÇO. { Por anno . . . 2\$400
Semestre . . . 1\$300
Trimestre . . . 720

BRAGA, 3 DE NOVEMBRO.

No dia 27 d'Outubro teve a sua ultima phase a questão da barca franceza *Charles et George*, aprezada por nós como negreira nas aguas de Moçambique.

N'esse dia, a França insultou, nas aguas do Tejo, o pavilhão portuguez, porque tinha pugnado pelo cumprimento do grande tractado, assignado em Paris, e garantido pelo consenso unanime da Europa.

A existencia do equilibrio social torna-se nulla, desde que uma nação poderosa despreza a boa fé dos tractados, interpretando-os ao clarão dos canhões, em que faz consistir a justiça das suas exigencias.

A luva do desafio, arremessada a Portugal pela França, abrange a Europa, e a humanidade inteira. O insulto feito ao pavilhão nacional tornou-se especialmente extensivo ás nações signatarias do tractado anti-negreiro, e á Inglaterra sobre tudo.

A gloria obtida na Crimea, pelas armas francezas, proclamando ao mundo, que a França protegeria constantemente o pequeno contra o grande, e o fraco contra o forte, eclipsou-se de todo nas aguas do Tejo.

O procedimento injusto de Napoleão para com Portugal, entre ameaças inflamantes, mostra claramente á Europa, que a França nos impõe agora o direito da força, como preludio de no porvir impôr ás outras nações o direito de conquista.

Mas quem sabe? Talvez esteja escripto no livro dos destinos dos povos, que seja neste cantinho do mundo, que a esrella bonapartista haja de perder o seu orihão.

Quem sabe?

Foi aqui, que as aguias francezas, ainda cobertas com o pó glorioso de Wagram e Austerlitz, soffreram as sabidas derrotas, que foram o primeiro elo dessa cadeia de combates e batalhas, que aniquilaram um imperio collossal, e lançaram ao

depois, n'um arido rochedo do mediterraneo, o maior guerreiro dos tempos modernos.

Entendamos-nos, porém: não queremos com isto estabelecer paridade alguma entre Napoleão I e Napoleão III, entre o antigo e o actual imperador dos francezes.

Distinguimos e differencamos o grande do pequeno, o real do apparente, o serio do ridiculo.

O artilheiro de Toulon, vergando-lhe a frente sob a gloria alcançada nas campanhas d'Italia e do Egypto, anhelou o diadema imperial. Ambicionou substituir a coroa da gloria pela coroa da realeza; e a França, na embriaguez do triumpho, outorgou ao vencedor das batalhas as purpuras do imperio.

O emigrado ignoto da Suissa, o prisioneiro sem nome do castello d'Ham, olvidando as promessas sagradas, feitas á França e aos amigos, estrangulou a republica de 1848, guilhotinando-a no cadafalso da astucia degradante. E os homens benemeritos da França, dispersos pela Europa, ou desterrados em regiões insalubres, mal dizem no exilio o aventureiro astuto, que illudira manhoso o que a França então possuia de mais illustre, de mais proficiente, e mais corajoso.

Mas a Providencia não dorme.

O reinado dos tyrannos é curto; e a mão, que assignára a proscricção escandalosa em 1852, é demasiado debil ao presente, para poder sustentar o sceptro, de sobejo esmigalhado em Waterloo.

O governo inglez não poderá lavar nunca a mancha intensa, que, na bandeira da moderna rainha dos mares, lançára agora a questão da barca negreira *Charles et George*.

A Gram-Bretanha tremeu diante dos massissos de granito de Cherburgo; e a sua apregoada philantropia, a sua preconizada humanidade, naufragou agora de todo no porto de Lisboa.

A nação portugueza póde levantar a

frente orgulhosa: a nossa bandeira póde continuar a tremular nos mares, se não com gloria, ao menõs com honra. Nos mastros dos nossos navios, e no alto das nossas fortalezas, pódem hastear-se ainda as quinas de Portugal, sem quebra da dignidade e do pundonor nacional.

Os acontecimentos do dia 27 de Outubro não os póde a França fazer esquecer á Europa e ao mundo: pertencem já hoje ao dominio da historia.

Os vindouros hão de vêr nos fastos dos infortunios de Portugal, e nos annaes das prepotencias da França, que Portugal, reputado pela França como uma nação semi-barbara, lhe sabe dar licções de verdadeiro progresso, e de verdadeira civilisação.

Cedemos á força, não cedemos á lei: venceu-nos a França, mas não convenceu-nos.

Consolemos-nos com as sympathias geraes da Europa e da America, no meio da prepotencia dos canhões da França, em despeito da lei.

Consolemos-nos com as glorias immarcessiveis do nosso passado, e com o benefico julgamento da posteridade.

Será por nós o presente, o preterito, e o futuro.

PLACIDO PEIXOTO.

DA INVIOABILIDADE DOS REIS, E DA RESPONSABILIDADE DOS MINISTROS.

A inviolabilidade dos reis, que entra como *um principio* nos governos representativos, tem mais propriamente o seu fundamento na conveniencia geral da communitidade, que no interesse particular d'aquelles. Este sabio principio, combinado com o da responsabilidade dos ministros, é a chave da abobada magestosa, que sustem esta forma de governos. O primeiro lhes dá estabilidade e consciencia; o segundo assegura uma rasoavel liberdade, e ambos junctos completam a obra mestra da sabedoria humana, nas combinações politicas das sociedades.

Onde não houverem leis, terás de defender-te á pancada: onde encontrares regimentos e posturas a cada passo, acautela-te d'um exercito d'esbirros, e guardas barreiras.

Uma cidade, onde cresce herva nas ruas, um paiz cujas estradas se achão desamparadas, nada promette a quem procura trabalho: passa adiante, e não te demores.

Onde vires muitas meninas pallidas e magras, é porque abundão lá salas de dança, e pouco trabalho.

Quando vires muitas partidas ao dia de semana, pensa nas bancarrotas.

Não julgues da devoção de uma cidade pelo numero das suas torres, nem da de uma aldeia pela riqueza da sua igreja: não julgues da fortuna de um homem pelo seu vestido aceado: não julgues, pelo rotulo, de uma estalagem que vende bom vinho. Todas estas coisas são feitas para enganar a gente credula. A verdadeira piedade é mo-

FOLHETIM.

SESSENTA ANNOS D'EXPERIENCIA.

Meu filho! um bom officio é um thesouro: com cinco réis na algibeira, se nada deveres, poderás chamar-te rico.

Deus abençoou o meu trabalho: quando comecei, nada possuia, e agóra tenho fortuna, e consideração.

A maior parte dos officiaes, quando o trabalho de cada dia os deixa viver, sentem todos o desejo de se aperfeiçoarem. Para isso é necessario viajar.

Mas para viajar com fruto, é preciso nada deixar, sem o examinar attentamente: deve-se perguntar sempre: — De que serve isto? — Como se faz aquillo?

Se tu não viajares como acabo de dizer-te, o mesmo vale ficar em casa: para ver arvores verdes, casas caídas, e homens de duas pernas, basta sa-

tado por muito tempo as grande cidades, e que de Paris só vierão conhecendo os passeios e o Palais-Royal, de Strasbourg a famosa torre, &c. &c.

Como das feições do rosto pode suspeitar-se das boas, ou más qualidades de um homem, assim ha muitas villas e cidades, cujo aspecto exterior pode fazer julgar do resto.

Quando em uma aldeia tu vires muitas tabernas, fica certo de achar lá pouca economia, pouca satisfação domestica, e muitos priguçosos, e maus cidadãos.

Se não vires no campo a gente desde o sahir do sol, espera encontra-la na taberna muito depois d'escurecer.

Onde ouvires tocar muito os sinos, annunciando dias de festa, e de descanso, leva muitos cinco reis contigo, para dar aos muitos mendigos que has-de encontrar.

Uma cidade, onde se vem de dia bellas carruagens, e de noite ruas não illuminadas, parece-se com a rapariga namoradeira, que debaixo de um

A historia é o espelho que offerece á nossa vista os factos dos tempos passados, satisfazendo d'um lado a curiosidade geral, e attrahindo do outro a attenção dos homens pensadores, para que meditem sobre as causas que produzem os accoentecimentos, sobre as consequencias destes, e sobre a prosperidade e as vicissitudes das diversas nações.

A republica romana apresenta o aspecto do poder mais colossal, mais apparentemente solido, que conheceram os seculos passados: e aquelle corpo maravilhoso de grandeza, que extendeu esse poder a todos os angulos do mundo conhecido, veio a terra, porque não continha dentro em si mesmo o principio da sua duradoura conservação, que é a inviolabilidade do soberano. Com effeito, os Marios, os Syllas, e os Catilinas mostram o exemplo d'outros tantos ambiciosos, que tentaram fazer-se superiores ás leis, aspirando á supremacia do poder; e Cezar, por ultimo, fez servir as mesmas legiões que o tinham levantado ao mais alto grau de gloria militar, para avassallar a republica, sem que todos os esforços do distincto Pompeu, do eloquente Cicero, e do virtuoso Catão, podessem salvar-a da sua ruina total.

Havia, pois, na organização d'aquelle portentoso estado, um vicio radical, que devia por fim destruir a sua constituição; e este vicio era o ter-se deixado o campo livre ás ambições particulares, por se lhes não haver fixado um limite, estabelecendo um poder invulneravel, aonde ninguem podesse chegar.

Desappareceu este vicio nos modernos governos representativos, desde que a lei fez inviolaveis os reis, declarando-os impeccaveis.

Que cidadão pôde jámais pertencer des-thronisar um rei, quando a lei o supõe isempto de toda a culpa? Qual seria o pretexto que faria servir para as suas pretensões? Como poderia obter apoio algum dos seus semelhantes, que estão habituados a olhal-o como igual a elles nos direitos, e que no rei sómente reconhecem um ser privilegiado, de cuja magestade todos os individuos particulares se affastam, n'uma immensa distancia?

Se quizermos demonstrar estes principios, com um exemplo recente, não temos senão voltar a nossa vista á antiga França. E veremos, que depois de tanto sangue derramado, para estabelecer a republica, depois de tantos crimes e tantas virtudes, depois d'uma lucta tão heroica contra todas as forças da Europa, depois de ter triumphado de todas as machinações internas, e de todos os exercitos invasores, não pôde a ordem republicana resistir contra a ousada ambição d'um guerreiro ditoso, que con-

verteu as coroas de louro, colhidas nos campos da honra, n'uma coroa de ferro, a qual sustentaram as mesmas bayonetas, que elle tinha feito combater com tanto denodo pela liberdade. A mesma falta do mesmo principio da inviolabilidade, na constituição do governo, foi aescada por onde aquelle guerreiro subiu ao throno.

Concordemos, pois, n'uma verdade, que está comprovada pela observação do que accoeteceu na mais poderosa das republicas antigas, e na que pertendeu formar em nosso tempo uma nação illustre. Naturalmente nos conduz a seu conhecimento uma bem meditada theoria; e vem a ser, que, é indispensavel, nas organizações politicas das sociedades, pôr um limite ás ambições particulares dos individuos, e que este limite não pôde ser outro senão a criação d'um poder inviolavel, o qual esteja fóra do alcance do cidadão mais favorecido dos dons da fortuna, e da natureza.

A resolução deste problema difficil é devido á Inglaterra, onde as guerras civis mais cruentas, a lucta mais encarnçada dos reis que aspiravam ao despotismo contra a aristocracia, e o povo que os combatiam em união estreita, para exigir e sustentar suas liberdades, produziram ao cabo um principio tão luminoso de perfeição completa, que quanto mais se medita, tanto mais se admira. Naquelle paiz privilegiado da liberdade, é que se estabeleceu este saudavel principio da inviolabilidade, que é tambem o que dá áquelle governo uma fórmula mais estavel, e mais consistente que a das republicas, as quaes, quanto mais accrescentam o seu poder e prosperidade, tanto mais correm o risco de serem transtornadas no seu fundamento.

Porém, este principio da inviolabilidade dos reis, sancionado pela lei, faria dos governos monarchicos representativos os mais absolutos e despoticos, se não houvesse nelles outro principio que o modificasse nos seus effeitos; e este segundo principio é o da responsabilidade dos ministros, por todos os factos da sua administração.

Circundado o rei da pompa do poder, é um ser moral a quem se não concede a vontade, nem sequer a possibilidade de *fazer mal*; pois não podendo nisso ter a minima utilidade, ou vantagem secundaria, sómente em menoscabo de si proprio, por ser de tal indole a sua grandeza, que está intimamente ligada com a do estado que representa: a sua posição é tão eminente que nada tem que ambicionar. Não ha paixões que possam elevar-se até o alto do seu throno, e todas ficam nos seus degraus, ao pé dos quaes se acham assentados os ministros. O poder real, e a administração ministerial, são pois duas cousas absolutamente diversas; e nesta distincção é que consiste a essencia da nova fórmula de governo, que, outr'ora ge-

ral ainda que imperfeita em toda a Europa, em Inglaterra se aperfeioou e consolidou, e pouco a pouco se foi estabelecendo n'outras nações, tendo cabido a Portugal a dita de não ser das ultimas.

Mas esta responsabilidade ministerial seria uma chimera, se não se estabelecessem os meios de a fazer effectiva. E seria improprio do alto logar que os ministros occupam, se se attribuisse a outrem, que não ás primeiras corporações do estado, o direito de a julgar. A camara dos representantes, e a dos pares, são pois o santuario onde se teem depositado as immunidades publicas, e onde cada cidadão tem librada a sua liberdade civil, a segurança da sua propriedade, e todos os direitos do homem constituido em sociedade; conferindo, áquella, a faculdade d'accusar os ministros, e a esta, a de julgar-os pelos seus actos administrativos. A lei é, pois, a regra invariavel do proceder dos ministros; os quaes a não podem ultrapassar, sem ficar expostos a todo o rigor d'ella. E todo o cidadão tem aberto o caminho para reclamar contra os abusos do poder de que tenha sido victima.

Ha, porém, outro principio de acção inherente aos governos representativos, que contribue mais que nenhum outro, para a prosperidade das nações que teem a ventura de gosar delles. E este principio vivificante é a liberdade da imprensa, por cujo meio se divulgam as luzes, os conhecimentos, e a illustração de todos os cidadãos, em vantagem do bem commum, e se oppõe uma forte barreira á arbitrariedade dos mandatarios.

Ha, com effeito, muitas disposições governativas, que sem ser uma contravenção directa ás leis vigentes, provam ás vezes ineptidão, parcialidade, ou malicia dos que a dictam; e não podendo recorrer então ás camaras, e reclamar contra a infracção de lei, accode-se ao juizo da opinião publica, manifestando os erros ou a culpa dos administradores. Esta instituição é, sem duvida, o dique mais solido contra a arbitrariedade, o facho mais luminoso contra a ignorancia, o vigia mais áleria contra as tyrannias secundarias e locais, e o verdadeiro *palladio* das liberdades publicas. Ella, pois, denuncia ao publico os actos injustos, faz vêr os desacertos, descobre os areanos mais reconditos, e offerece a todos um apoio. Mas todos estes bens desapparecem, se o decoro devido ás auctoridades constituidas se não guarda, se em vez de censurar cousas se attacam pessoas.

Os principios acabados de estabelecer, são tão conhecidos, a sua conveniencia tão clara, a sua importancia tão manifesta, e a sua applicação tão simples, que não creio seja necessario desenvolvê-los mais, para estabelecer a verdadeira doutrina do poder real, e da acção ministerial nos governos re-

ples no vestido; e o bom vinho tem freguezes sem letreiro.

Se quizeres habitar um paiz feliz, procura aquelle onde ha menos gazetas.

Onde a gente do campo é grosseira, e não salva ninguem, ganhão mais os bois na mangoeira, que o pedante arengando aos pexinhos. Onde vires fazer muita cortezia, ou beijar a mão ás gentes de papo, não te demores: é signal de que no paiz ha algum despota das aldeias; e se escapares das suas garras, serás logrado pelos seus escravos.

Para saber se uma villa é grande ou pequena, não precisas anda-la em roda, ou subir a uma torre: basta olhar para a rua, e ver se muita gente se conhece, e cumprimenta: quantos mais chapéos na mão tu vires, tanto mais pequena é a villa.

Se chegares a um paiz de bellas estradas, e ornadas de arvores fructiferas, especialmente onde se não vêem campos incultos, nem terras communaes de que ninguem se aproveita, por pertencerem a todo o mundo; onde os estrangeiros são recebidos cordialmente; onde os grandes se

taes, são os mais bellos edificios, para ahi, meu filho: estás n'um paiz habitado por gente de tino, que tem a cabeça e o coração no seu logar.

Porem, onde vires pobres cabanas, á roda d'um grande palacio, não te demores; chora-se lá muitas vezes.

Não emprestes dinheiro a amigos, sem interesses; esquecer-lhe-ha sempre o restituir-to; e desde que lho pedires, ficarão teus inimigos: aliás que, fiando por interesse, virão promptos embolgar-te, e sempre mais amigos. O dinheiro fiado, sem interesse, arrisca-se muito a parecer só presente.

Desconfia muito das terras, onde nada se termina sem um jantar; onde se não passa uma noite d'inverno sem *jogos de cartas*: é má quando o estomago dirige a cabeça.

Para que tudo vá bem n'um paiz, não é preciso que a auctoridade se ocupe muito de coisas pequenas, por que desprezará as grandes.

Onde te deixarem na sala d'espera, e te pergantarem o teu nome, antes d'ir ver se o se

ao dono da casa livremente, trabalha para elle, por que te pagará bem.

Quando vires muitos botequins em cada rua, é porque ahi se bebe muito, e trabalha pouco. Se a rapaziada e o artistas fumão até á meia noite, velos-has pouco instruidos, e as artes mal cultivadas; e acharás lá muito ciume dos estrangeiros, que mostrarem algum talento.

Onde as escholas são muitas, e os professores mal pagos, tudo é ignorante.

Onde achares muitos medicos e advogados, guarda-te de estar doente, e de ter demandas.

Eis-aqui o sufficientemente, ainda que não seja tudo; mas basta isto, para saberes, pouco mais ou menos, a que devas dar attenção.

Segue os meus conselhos: pergunta muito, e responde claramente, mas em poucas palavras; faze-te mais ignorante do que és, e todos farão gosto d'instruir-te.

Louva tudo o que achares louvavel; e não ralhes do que achares mau. É o meio de ganhar

presentativos: Guardemo-nos, pois, de confundir duas cousas que são absolutamente diversas, na sua essencia e nas suas applicções: cessemos de pretender cubrir os erros dos administradores com o manto regio, e de confundir o sceptro e a coroa do soberano com a pasta do ministro. **SEJAM AQUELLES RESPONSABEIS, E INVIOLAVEL SOMENTE O REI.** G.—C.

A FÉ.

Tout est caché, tout est inconnu dans l'univers:
L'homme lui-même n'est-il pas un étrange mystère?

CHATEAUBRAND, Genie du Christianisme,
Part. 1. Liv. 1.º Cap. 2.º

Um dos principios mais notaveis, propalados pela philosophia irreligiosa do seculo passado, é a superioridade absoluta da rasão humana.

Os mysterios da Religião Christã foram julgados absurdos, porque a rasão os não comprehendia?

Voltaire pretendia, que era impossivel crer-se, o que a intelligencia nos não demonstrasse como verdadeiro.

E serão as crenças um producto da rasão? Será absurdo tudo o que se deriva das fórmulas da intelligencia? Não se basea, por ventura, a applicação do entendimento sobre principios, que não são, que não podem ser, effeitos da sua actividade? Acaso não se fundão todos os conhecimentos humanos sobre a noção da propria existencia? Será esta noção um producto da sensibilidade? Não; porque todas as sensações envolvem a existencia do ser que sente. Será um resultado da actividade da rasão? Não; porque a rasão não pôde obrar sem se reconhecer activa, e nesta consciencia da sua actividade vai já incluída a certeza da propria existencia.

A convicção da realidade do nosso ser, base de todas as noções, que adquire o entendimento, é, por conseguinte, o primeiro producto d'uma faculdade independente das fórmulas da intelligencia, é a primeira crença, sem a qual todos os conhecimentos humanos seriam uma illusão.

A realidade do mundo exterior funda-se igualmente sobre uma crença, na veracidade dos nossos sentidos. Os philosophos tem-se em vão cançado, para demonstrar á priori esta realidade. O homem simples ri-se dos seus esforços inuteis, e a sciencia deste é mais solida, porque a sua fé é mais viva, porque a pureza das suas crenças sinceras não foi ainda adulterada pelos desvarios da rasão.

Além das verdades, que se adquirem pelo emprego das fórmulas do raciocinio, existe, portanto, uma outra ordem de verdades, que, sendo independentes do emprego da rasão, não podem ser destruidas pelos seus esforços: tal é a convicção profunda, tal é a fé viva, com que cremos na realidade do proprio ser. A natureza especial d'estas verdades, collocando-as fóra do dominio da intelligencia, dá-lhes porisso mesmo uma base mais solida, porque é inacessivel aos ataques dos sophismas.

Alguns escriptores modernos tem pretendido explicar os mysterios sublimes da fé pela rasão. E não veem estes escriptores, que o seu proposito tende a destruir a essencia das crenças?

As verdades da fé são independentes das convicções produzidas pelo emprego da rasão. Pretender provar pelas fórmulas do raciocinio a veracidade das crenças, equivale a querer demonstrar por um syllogismo a certeza da propria existencia.

Da confusão entre estas duas ordens de verdades segue-se ainda um absurdo mais palpavel. A acção da intelligencia é necessaria fatal: des que a rasão chega a obter um

considerado por ella, tal como se lhe apresenta.

E poderá haver algum merito n'esta sugeição invencivel da rasão aos seus decretos? Seria por ventura a fé uma virtude, se a rasão pudesse comprehender os seus mysterios?

Um homem é accusado de ter commettido um crime, do numero d'aquelles a que as leis sociaes applicão a pena de morte: todas as provas se reúnem para demonstrar a veracidade da accusação; a despeito, porém, d'uma multidão de provas claras, e irrefragaveis, elle é innocente!

Todavia, a sentença de condemnação está pronunciada pelo juizo dos homens; e o sentenciado prepara-se, com a resignação d'um martyr, para dar o ultimo passo na carreira da vida, antes que suba á habitação dos justos: punge-lhe, porém, o coração a idéa horrivel de passar por criminoso aos olhos d'um amigo.

No momento extremo, este amigo verdadeiro aproxima-se, e ouve da bocca do condemnado a protestação da sua innocencia: deixará d'acredita-lo, porque a sua rasão baquea á evidencia das provas? Por certo que não.

Em milhares d'acontecimentos da vida se appresentão estas occasiões solemnes, em que os homens de bom grado recusão os testemunhos da rasão, para se entregarem a uma confiança illimitada na voz da amizade.

E terão as palavras d'um homem a força sufficiente, para produzir em nós uma crença opposta, e superior ás convicções do entendimento; e não a terão as palavras de Deus?

Se considerarmos de boa fé os resultados das investigações scientificas, poderemos julgar absurdo o que a rasão não comprehende?

Não nos appresentão as sciencias naturaes uma infinidade de phenomenos, que são um abysmo para a intelligencia? Comprehende-se, por ventura, o que seja o calorico, a luz, o magnetismo, a electricidade, o organismo, a vida?

Eu ouço um naturalista, contemplando a machuina maravilhosa do universo, exclamar com a orgulhosa sufficiencia, que acompanha sempre a sciencia incompleta — «na natureza não ha senão materia e movimento». E que é a materia? Que é o movimento? A materia, dizem uns, é uma reunião d'atomo. A materia é um producto das forças, dizem outros. E que é um atomo? Que é uma força? Questões insolúveis, diante das quaes a rasão se humilha, e conhece o seu nada.

Não contém as sciencias mathematicas, este typo da certeza humana, principios, que segundo a confissão de todos os geometras confundem e combaração a rasão?

Não nos demonstra a geometria a existencia de curvas, que se approximão indefinidamente, sem que jámais possam encontrar-se?!

Não é um phenomeno incomprehensivel a existencia de quantidades, que exprimem absurdos, mas cujo emprego conduz no calculo a resultados racionais?! E que profundos arcanos não encerra a analyse infinitesimal?!

Confessaremos, por ventura, a insufficiencia da rasão humana, nas investigações scientificas, que são o campo da sua actividade; e recusaremos submeter-nos aos mysterios, que a rasão Divina nos propozera para crermos, porque o nosso entendimento orgulhoso não comprehende verdades d'uma esphera superior á sua esphera d'acção?!

Os mysterios não contradizem a rasão, antes é a rasão que se contradiz, quando pretende investigar verdades alheias ao dominio da sua actividade.

Collocada uma vez a intelligencia fóra

necessariamente encontrar uma multidão de contradicções; porém essas contradicções não provém do objecto a que se applica, mas sim da sua applicação erronea.

Debil seria o apoio, que o raciocinio prestasse aos dogmas da nossa sublime religião, se elles se não fundassem sobre uma base mais solida.

Os principios estabelecidos hoje por um raciocinio podem amanhã ser destruidos por outro.

Não temos nós uma prova d'esta verdade, nas phases successivas, porque tem passado, e estão continuamente passando, todas as sciencias?

Não era antes de Copernico um principio incontestavel, que a terra estava collocada no centro do systema do mundo?

Não foi o descobrimento d'este philosopho, combatido vigorosamente durante a sua vida, e ainda muito depois da sua morte?

Não pretendirão os sabios da época demonstrar com argumentos, deduzidos d'uma interpretação erronea dada aos Livros Sanctos, que era absurdo o systema do movimento da terra?

Não forão as bellas concepções d'este immortal astronomo, expostas ao escarneo da multidão ignorante, nos theatros da Allemanha?

Não foi necessario, que o principio da attracção universal viesse dissipar todas as duvidas, para que o systema de Copernico fosse recebido, como o verdadeiro systema do mundo? — E o espaço de menos de tres seculos, comprehendido entre o nascimento de Copernico, e a morte de Newton, foi sufficiente para riscar dos livros da sciencia um principio, que antes ninguem ousava pôr em duvida!

Não vemos nós os systemas philosophicos succederem-se, e destruir-se com uma rapidez espantosa?

Os trabalhos intellectuaes da Allemanha, nos ultimos 50 annos, não demonstrão sobejamente esta asserção, sem recorrer-mos á historia dos systemas anteriores?

E terá esta luta constante, acerca das bases da sciencia do espirito humano, a sciencia mais importante para a humanidade, produzido uma verdade solida, um principio incontestavel?

Não começa o scepticismo a apoderar-se de todos os espiritos?

Deverá procurar-se o remedio para esta doença assustadora da alma em novos certames da intelligencia? — Não: que d'esses pelegas infructuosas provem o desalento, que conduz ao scepticismo.

Será o mal sem remedio, e teremos de soffrer, sem esperanza de melhor sorte, as consequencias necessarias d'esta prostração moral do homem? Por certo que não: mas o remedio está na fé, e só na fé. É necessario crer, e logo que as crenças se arreigarem profundamente no coração, deapparecerá o scepticismo, e com elle o egoismo, seu companheiro inevitavel.

O homem não é um ente puramente intellectual, é primeiro que tudo um ente moral: convem desenvolver, quanto seja possivel, as faculdades da intelligencia, mas é necessario evitar a preponderancia do raciocinio sobre a fé.

Engrandeça-se a esphera do entendimento, mas não se destruição as crenças; porque uma sociedade pode subsistir sem grande cultura intellectual, mas a sua ruina é certa, se as crenças se apagarem.

J. da Rocha.—C.

PORTUGAL.

... Occidit, occidit
Spes omnis; et fortuna nostri
Nominis...

HORACIO. — Ode IV. Liv. IV.

Portugal! gigante orgulhoso e esforçado! guerreiro valente, que fizeste dobrar a cerviz altiva de

Onde está a sombra do teu vulto colossal, o poderio do teu imperio, e o terror dos teus filhos immortaes?!

Desappareceu tudo!... tudo se esvaiu!... e aquelles que viram a patria adormecida, descansando dos trabalhos da guerra, lançaram-lhe os ferros do captiveiro, envolvendo-a escarnecida na servidão e na vergonha!

Nação princeza do mundo! soberbas quinas lusitanas! que é feito dos tropheos de tuas innumeras victorias, colhidas nos remotos espaços de novos mundos?!

Tudo tem cahido por terra! Foi o mau fado do teu destino!

E os valentes peitos lusitanos

« Que entre gente remota edificaram »

« Novos reinos que tanto sublimaram »

os valentes peitos lusitanos, que entre barbaros povos plantaram o pavilhão das quinas conquistadoras, pigiram envergonhados para as regiões dos sepulchros. Foram alli chorar, no mundo da eternidade, mancha eterna que escureceu o estandarte portuguez!

Flôr do mundo! onde estão os perfumes suaves, que te aromatisaram na Africa adusta?!

Onde está o sol portuguez da patria lusa, que fez brilhar, com seus raios de esplendor, as arcias d'ouro da Arabia?!

Tudo desapareceu!... tudo se converteu em ruinas!... E aquelle oriente, que fez engrandecer o solio portuguez, eil-o no occaso da vida da nação gigante:

« Jaz por terra gigante abatido »

« De seus filhos a sorte a carpir! »

Geme, ó Asia opulenta; chora, ó India remota; chora, ó vaidosa Persia, tu, que com o teu nome adornaste o capitolio da guerra, e o throno das conquistas de navegações, tu que reconheceste submissa

« As armas e os varões assignalados ».

E vós, empoladas ondas do oceano, « mares nunca d'antes navegados », que obedecestes aos Gamas, aos Castros, aos Albuquerque, levantai um bramido rugidor, que trõe nos imperios das vossas aguas. Fulminae anathemas e maldições contra os profanadores do solio portuguez, dessa patria que se assentára no throno das mais elevadas grandezas do mundo.

Mas se o echo repercutir entre o seio das gentes estranhas, onde fluctuára outr'ora o luso pavilhão, levado lá pelos immortaes guerreiros da cruz, brami com vossos rugidos, ó mares do meu Portugal, para que o echo, que repete vergonhas, seja lançado nas regiões sepulchraes do silencio, e não proclame mais o desgraçado aviltamento da minha pobre patria, que

« Ergue a fronte, e cruza os braços »

« Sobre um peito que pulsou! »

Quebrou-se a espada denodada, que conquistara soberbas fronte de orgulhosos monarchas; estalaram as cordas da lyra, que cantavam o genio da guerra.

Vêde a nação abatida, de braços cruzados, muda e silenciosa, com a sua pobre fronte guerreira pousada no pó da baixezza!

Vêde-a... vêde como ella dorme, quèda e silenciosa, com a sua fronte descarnada e opprimida, sem parecer a fronte de orgulho, que n'outr'ora se ataviára com os laureis das victorias!

Aquelle esqueleto da patria, outr'ora valerosa e potente, ainda na sua ossada mostra as fórmas grandiosas do que foi. Foi ossada d'aquelle que empunhou a espada terrivel, e que deu leis ao mundo inteiro. É ossada do Portugal do Gama, do heroe do cabo das tormentas, e do Castro forte, que nunca perdèra a sua força terrivel. É a nação formidavel, que foi patria das gentes valorosas, e que milhares de coroas e sceptros conquistára, nas cinco partes do mundo!

E como o pobre Portugal dorme o somno da morte, no meio dos mortos heroes que o exaltaram em vida!...

Vendavaes da desventura! não açouteis mais, em nome das leis do destino, a patria do meu coração, que tão duro e mau fado teve!

Geme, pobre patria, no seio da desventura: esconde o teu coração de heroe de batalhas, retalhado dentro desse peito, que te pulsára galhardo com os ardores da guerra!

Dorme o somno eterno do esquecimento, terra dos bravos, herço dos valentes! descança em paz, ao lado dos que apregoaram a tua fama guerreira; dorme ao lado dos que apregoaram a tua fama guerreira;

jazem sem vida, acompanhando a sorte d'hoje da minha infeliz patria, desse grandioso phantasma soberbo, que

« Sobre as ondas empoladas »

« Tinha sceptros p'ra reinar! »

(Continúa).

M. BERNARDINO DA C. E S.

Noticiario.

Companhia Viação Portuense. — São geraes as queixas contra esta associação, por causa do seu mau desempenho de compromissos.

A demora de jornada entre Braga e Porto está sendo d'umas 8 a 9 horas, quando a companhia se ha compromettido a fazer o transito entre 6 a 7 horas.

As partidas de Villa Nova de Famalicão estão sendo tam precipitadas, que os passageiros mal podem ter tempo d'acabar de comer.

Nem que houvesse mancomunação com os estalejadores, para a comida preparada mal poder ser tocada pelos transitantes.

Estas queixas tem-nos sido repetidas tantas vezes, e por tam diversos passageiros, que não podemos deixar de as trazer á publicidade, pedindo providencias em nome da lei, para a devida utilidade dos transitantes.

Reunião. — Acaba de ter lugar em Lisboa, no theatro de D. Maria II, uma reunião patriótica muito concorrida.

Teve por fim tractar de criar meios para se cuidar da educação primaria do sexo feminino, confiando-a exclusivamente a mestras portuguezas, « por origem e por caracter ».

O sr. Alexandre Herculano fallou muito e muito largamente, contra a introdução das Irmãs da Caridade entre nós, e contra o caracter dos padres lazaristas, seus directores.

Nomeou-se uma commissão muito illustrada, para se occupar com urgencia d'este assumpto.

E' honroso e patriótico. — O banco de Lisboa tracta d'empréstimo ao governo, sem juro algum, o dinheiro necessario para as indemnisações do Carlos e Jorge, exigidas illegalmente pela França.

« E' um acto honroso e patriótico ».

Caffé — Vianna. — Acaba d'abrir-se este novo caffè bracarense, no campo de Sanct'Anna, no lado do norte.

A casa está arranjada e mobilidade com decencia; e o serviço é feito com acceio e promptidão.

Está sendo muito concorrido de dia e de noite.

Cegada. — O sr. Augusto Soromenho achase outra vez entre nós, continuando a assistir no Hotel Real.

O illustre commissionado, da nossa academia, vem ultimar os seus trabalhos sobre as lapidas antigas da cidade.

O sr. Augusto Soromenho tenciona dirigir-se ao depois, d'aqui para as Caldas de Vizella, a fim de examinar as lapidas romanas d'aquella localidade.

Não admira — Corre como certo que o « pequeno sobrinho do grande tio », o valorosissimo senhor Napoleão 3.º, não quer concordar com a decisão do nosso governo, em quanto á regeição da arbitragem para as indemnisações da barca negreira Carlos e Jorge, protegida do imperador.

Esquadra mizé. — Parece vir breve ancorar no Tejo, trazendo « consigo » a Lisboa um dos filhos da rainha Victoria.

Avon — Este paquete do Brazil acaba de trazer em ouro o valor de 589:642\$850 rs.

Era o bastante para o localista do *Independente* nesta occasião: mas naturalmente ficava o jornal sem locaes suas por um pouco de tempo.

Córtes. — A abertura estava annunciada para hoje.

Da promessa para o facto só no correio seguinte se pode annunciar a differença.

Desafio — Em virtude d'alguos « trechos innocentes », impressos no *Bracarense*, n.º 334, e no *Independente*, n.º 51, a tal ponto estiveram ha dias a travar-se de rasões entre si dois articulistas, o sr. A. Rodrigo, e o sr. A. Mello, que por pouco não hia havendo uma curiosa polemica d'argumentos physicos entre ambos os digladiadores.

Por felicidade do sr. A. Mello, segundo nos dizem, estava presente ao desafio o sr. commendador Murta, « nem que alli fôra de proposito », para « com seu genio bondoso » evitar que o sr. A. Rodrigo tomasse do sr. A. Mello o desforço

O sr. A. Rodrigo, instado para ceder cavalleiramente do seu intentado desforço, prometteu acceder ás solicitações que escutava, « dando-se a pendencia por finda de parte a parte ».

Desde então nunca mais S. S. tornou a andar de chicote, nem tornou mais a espalhar pela cidade os seus « versos avulsos » — *Ao Neto Fidalgo de Tranquillino Manuel Cução Pellado*, lidos e pedidos por todos com extraordinaria avidéz.

O sr. A. Mello, contra o que se diz haver promettido submisso no acto do desafio, tornou ainda no *Bracarense*, n.º 338, a voltar ao assumpto que *devia esquecer*, « imputando ao *Independente* a responsabilidade » que só compete ao sr. A. Rodrigo, e que S. S. não declina de si ».

O *Independente* nada responde ao sr. A. Mello, e dita do *Bracarense*. O que S. S. diz n'aquella folha, não tem imputação de qualidade alguma. Todos o conhecem.

Ao sr. A. Rodrigo, que veio pedir ao *Independente*, n.º 51, a inserção do seu desforço contra o *Bracarense*, n.º 334, é só a quem pode competir o responder sobre o assumpto, « agradecendo como é justo a posição em que o collocam ».

Respeite o *Bracarense* o dogma da fraternidade jornalística, para não lamentar que deixem de o respeitar em quanto a si. Não o venha quebrar de novo contra o promettido, obrigando a um desforço o pondonor e o brio do sr. A. Rodrigo, que soube ser cavalheiro e generoso.

Preços das cereaes — Trigo 830 — Centeio 360 — Milho alvo 700 — Dito branco 430 — Dito amarello 420 — Cevada 450 — Feijão vermelho 820 — Dito amarello 860 — Dito branco 800 — Dito rajado 720.

ANNUNCIOS.

130 **Q**UEM quizer comprar uma morada de casas sobradades, com a largura de tres portas, e commodidades sufficentes para uma familia regular, sita na rua dos Chãos de Cima, n.º 55, com servenia para a rua de S. Barubé, as quaes foram da Cavaca, póde dirigir-se a Domingos José Gomes, negociante na dita rua dos Chãos de Cima, n.º 48, que se aha auctorizado para promover a mesma venda. (III)

CONTRA-ANNUNCIO.

129 **M**ANUEL José de Souza Ribeiro, da freguezia de Soutello, concelho de Villa Verde, vendo no « *Independente* » n.º 48 o annuncio que fez seu tio João Antonio Gomes, da freguezia de Prado declarar que, com quanto até hoje não tenha sido intimado judicialmente para largar a procuração de que falla o referido annuncio, com tudo dá como cassda a dita procuração, protesiaudo pela validade de toda e qualquer transacção ou contracto que em virtude d'ella se ache até hoje celebrado pelo contra-annunciante.

Soutello 18 de Outubro de 1858.

(III)

MORADA.

132 **A** do Dr. Vieira da Cruz, medico pela eschola franceza de Montpellier, é agora no Largo dos Penedos n.º 1. (I)

GRANDE LOTERIA DE LISBOA.

1.º premio	R.º ..	50.000\$00)
2.º	, , ..	20.000\$00)
3.º	, , ..	10.000\$00)

Viuva Carvalho & Irmão, do Porto
152 rua das Flores, n.º 219, terá á venda os Bilhetes da presente loteria desde o dia 6 de Novembro pos diante. (III)

Responsavel o Bacharel Moreira de Sá.

TYPOGRAPHIA FIDELIDADE.